

1

Estava a ser uma segunda-feira entediante, grande parte dela passada a compilar declarações de testemunhas acerca de um confronto entre dois taxistas que enviara um deles para o hospital com um traumatismo e o braço direito partido. As declarações tinham sido prestadas pelo casal americano, que pedira ao rececionista do hotel que lhes chamasse um táxi que os levasse ao aeroporto; o rececionista, que disse ter chamado um dos taxistas que o hotel sempre usara; o bagageiro, que disse não ter feito mais do que o seu trabalho, que era carregar as malas dos americanos no táxi que encostara no cais; e os dois taxistas, um dos quais fora interrogado no hospital. Pelo que Brunetti conseguira perceber, cruzando as várias histórias, o motorista da empresa normalmente utilizada estava por perto quando recebeu a chamada do rececionista, mas, ao chegar ao hotel, estava outro táxi parado no cais. Encostou, chamou o nome dos americanos, que o rececionista lhe dera, e disse que estava ali para os levar para o aeroporto. O outro taxista disse que o bagageiro lhe tinha feito sinal, quando ia a passar, pelo que o serviço era dele. O bagageiro negava e insistia que só estava a ajudar com as malas. O condutor do táxi no qual o bagageiro pôs as malas viu-se, sem saber como, no convés do outro táxi. Os americanos estavam furiosos porque tinham perdido o voo.

Brunetti sabia, mas não podia provar, o que tinha acontecido: o bagageiro acenara ao táxi que ia a passar para que ele, e não o rececionista, recebesse uma percentagem da corrida. As consequências eram evidentes: ninguém diria a verdade, e os americanos não compreenderiam o que tinha acontecido.

Enquanto alimentava essa ideia, Brunetti foi momentaneamente distraído do seu desejo de café e fez uma pausa para considerar se não teria tropeçado numa explicação cósmica da história do mundo de hoje. Sorriu, pensando que deveria repetir a ideia a Paola nessa noite ou, melhor ainda, apresentá-la na noite seguinte, quando fossem convidados para jantar em casa dos pais dela. Esperava que o *conte*, que gostava de paradoxos, a achasse divertida. Sabia que a sogra acharia.

Abandonou os seus devaneios e continuou a descer as escadas da Questura, ansioso pelo café que o ajudaria a suportar o resto da tarde. Quando se aproximava da porta da frente, o agente que se encontrava nos telefones bateu no vidro do seu minúsculo cubículo e acenou a Brunetti para que se juntasse a ele. Quando Brunetti entrou, o agente disse para o auscultador: «Acho que devia falar com o *commissario*, *dottoressa*. Ele é que está à frente do caso.» Passou-lhe o telefone.

«Brunetti.»

«É um *commissario*?»

«Sim.»

«Daqui fala a *dottoressa* Fabbiani. Sou a bibliotecária-chefe da Biblioteca Merula. Houve um roubo. Vários, acho.» A voz dela era insegura, o mesmo tipo de voz que ouvia nas vítimas de roubos ou assaltos.

«Da coleção?», perguntou Brunetti. Conhecia a biblioteca, usara-a uma ou duas vezes, quando estava a estudar, mas há décadas que não pensava nela.

«Sim.»

«O que é que foi levado?», perguntou, preparando a mente para as perguntas que teriam de se seguir à resposta dela.

«Ainda não conhecemos toda a dimensão. Para já, tudo o que sei ao certo é que foram cortadas páginas de alguns exemplares.» Ele ouviu-a inspirar fundo.

«Quantos?», perguntou Brunetti, puxando para si um bloco e um lápis.

«Não sei. Acabei de descobrir.» A voz dela ia ficando tensa, enquanto falava.

Ouviu uma voz masculina do lado dela da linha. Ter-se-á virado para lhe responder, pois a voz dela tornou-se indistinta por um momento. Depois, fez-se silêncio do lado dela.

Pensou nos procedimentos que seguira nas bibliotecas da cidade sempre que consultara um livro e perguntou: «Têm registo das pessoas que usaram os livros, não têm?»

Teria ela ficado surpreendida por um polícia lhe fazer uma pergunta daquelas? Por ele perceber de bibliotecas? Ela demorou, sem dúvida, algum tempo a responder. «Claro.» Bem. Isso punha-o no seu lugar, não punha? «Estamos a analisá-lo.»

«Já descobriram quem foi?», perguntou Brunetti.

Seguiu-se uma pausa ainda mais longa. «Achamos que foi um investigador», disse ela, acrescentando em seguida, como se Brunetti a tivesse acusado de negligência: «Ele tinha a devida identificação.» Era a resposta de qualquer burocrata que começava a formular uma defesa ao primeiro sinal de uma acusação de negligência.

«*Dottoressa*», começou Brunetti, usando o que esperava ser a sua voz mais persuasiva e profissional, «vamos precisar da sua ajuda para o identificar. Quanto mais depressa o encontrarmos, menos tempo terá para vender o que levou.» Não via qualquer razão para poupar àquela realidade.

«Mas os livros estão destruídos», disse ela, parecendo angustiada, como que perante a morte de uma pessoa amada.

Para uma bibliotecária, os estragos eram tão graves quanto o roubo, pensou Brunetti. Mudando a sua voz para a da Autoridade, disse: «Chegarei logo que possível, *dottoressa*. Por favor, não toque em nada.» Antes que ela pudesse protestar, acrescentou: «E preciso de ver a identificação que ele lhe facultou.» Não tendo obtido resposta, pousou o auscultador no descanso.

Brunetti lembrava-se de que a biblioteca ficava em Zattere, mas a localização exata escapava-lhe agora. Voltou a sua atenção para o agente e disse-lhe: «Se aparecer alguém à minha procura, vou à Biblioteca Merula. Liga ao Vianello e diz-lhe que vá até lá com dois homens, para colherem impressões digitais.»

No exterior, encontrou Foa, de braços cruzados e com as pernas cruzadas pelos tornozelos, encostado ao corrimão que se estendia ao longo do canal. Tinha a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados contra o sol do início da primavera, mas, quando Brunetti se aproximou, o piloto perguntou: «Onde é que o posso levar, *commisario*?», antes mesmo de abrir os olhos.

«Para a Biblioteca Merula», respondeu.

Como se estivesse a terminar a frase de Brunetti, Foa continuou: «Dorsoduro, 3429.»

«Como é que sabes isso?»

«O meu cunhado e a família vivem no prédio ao lado, por isso a morada só pode ser essa», respondeu o piloto.

«Por um momento, temi que o tenente tivesse instituído uma nova regra que te obrigasse a saber de cor todas as moradas da cidade.»

«Qualquer pessoa que tenha crescido em barcos sabe onde fica tudo na cidade. É melhor do que um GPS», disse Foa, batendo na testa com o dedo. Afastou-se do corrimão e avançou na direção do barco, mas parou a meio do caminho e virou-se para Brunetti. «Sabe o que é que lhes aconteceu?»

«A quê?», perguntou um Brunetti confuso.

«Aos GPS.»

«Quais GPS?»

«Os que foram encomendados para os barcos», respondeu Foa. Brunetti manteve-se imóvel, à espera de uma explicação.

«Estava a falar com o Martini, há alguns dias», continuou Foa, referindo-se ao agente encarregado das aquisições, o homem com quem era preciso falar para se conseguir arranjar um rádio ou receber uma lanterna nova. «Ele mostrou-me a fatura e perguntou-me se eu sabia se era bom ou não. O modelo que ele tinha encomendado.»

«E sabias?», perguntou Brunetti, tentando perceber de onde teria vindo aquela conversa.

«Oh, todos os conhecemos. São uma porcaria. Nenhum dos taxistas os quer, e a única pessoa que conheço a ter comprado um para si ficou de tal maneira enfurecida com o aparelho que o arrancou do para-brisas do barco e o atirou borda fora.» Foa avançou na direção do barco, depois voltou a parar e acrescentou: «Foi isso que eu disse ao Martini.»

«O que é que ele fez?»

«O que é que ele pode fazer? São encomendados por um gabinete central em Roma e há lá alguém que recebe alguma coisa por os ter encomendado, e há mais alguém que recebe alguma coisa por ter deixado passar a encomenda.» Foa encolheu os ombros e subiu para o barco.

Brunetti seguiu-o, curioso com o facto de Foa ter escolhido contar-lhe aquilo, pois sabia, decerto, que também não havia nada que Brunetti pudesse fazer. Era assim que as coisas funcionavam.

Foa ligou o motor e disse: «O Martini disse-me que a encomenda era de uma dúzia deles.» Enfatizou a quantidade.

«Só há seis barcos, não é?», perguntou Brunetti, uma questão a que Foa não se deu ao trabalho de responder.

«Há quanto tempo foi isso, Foa?»

«Há alguns meses. Algures durante o inverno, diria eu.»

«Sabes se chegámos a recebê-los?», perguntou Brunetti.

Foa ergueu o queixo e emitiu um estalido com a língua: bem podia tratar-se de um miúdo de rua, de tal maneira o seu gesto recordou a Brunetti a maneira como estes rejeitavam o ridículo.

Brunetti viu-se numa encruzilhada familiar por onde poderia avançar, mas na qual se veria obrigado a recuar; mover-se-ia para o lado de modo a poder avançar; ou limitar-se-ia a fechar os olhos e a ocupar um lugar confortável, de onde não se mexeria de todo. Se falasse com Martini e ficasse a saber que os sistemas de GPS tinham sido encomendados e pagos, mas não se encontravam em parte alguma, meter-se-ia em problemas. Poderia começar a investigar confidencialmente e, quem sabe, impedir novas pilhagens do erário público. Ou podia, simplesmente, ignorar tudo aquilo e dedicar-se a coisas mais importantes ou a coisas que pudessem ser resolvidas.

«Achas que isto é o início da primavera?», perguntou ao piloto.

Foa olhou de relance para o lado e sorriu: a sua concordância não poderia ter sido mais amigável. «Acho que pode ser. Espero que seja. Já estou farto do frio e do nevoeiro.»

Quando rodaram na direção do *bacino* e voltaram a olhar em frente, ficaram ambos de boca aberta. Não houve naquele gesto nada de teatral, nenhuma tentativa de fazer uma cena ou de fazer passar uma mensagem. Nada mais fizeram do que expressar a sua resposta humana ao transcendental e ao impossível. À sua frente encontrava-se a popa de um dos mais novos e maiores navios de cruzeiro. A sua enorme retaguarda fitava-os sem rodeios, como se os desafiasse a comentar.

Sete, oito, nove, dez andares. Seria aquilo possível? De onde se encontravam, bloqueava a vista da cidade, bloqueava a luz, bloqueava-